Exegese canônica: fundamentos teóricos e metodológicos para a interpretação das Sagradas Escrituras

Emerson da Silva[1]
Abimael de Queiroz da Silva[2]

Resumo

O presente artigo visa problematizar determinadas compreensões teóricas que orientam a exegese histórico-crítica de interpretação bíblica. Com o advento da Reforma Protestante e a ampla difusão das escrituras cristãs em língua vernacular, o texto sagrado passou a ser alvo das ciências modernas, adotando um conjunto de pressupostos bastante específicos à história cultural de então. Com isso, a leitura "crítica" das escrituras ganhou um status de superioridade com relação a sua leitura religiosa, passando esta a ser tomada como um contraponto ao saber científico. Tendo por base o documento "A interpretação da bíblia na igreja" e uma leitura mais ampla do conceito de "canonicidade", o texto em tela visa aprofundar determinadas compreensões relacionadas à linguagem religiosa e a história da canônica do texto que foram insuficientemente consideradas nesse processo.

Palavras-chaves: Exegese. Método. Bíblia. Canônico. Linguagem.

1 Introdução

A leitura exegética da bíblia se caracteriza como uma das disciplinas mais científicas dos currículos de formação teológica, ainda que não esteja ausente dos interesses pessoais do intérprete. Visando elencar uma vasta gama de saberes que viabilizem uma interpretação adequada, os exegetas irão seguir os pressupostos

[1] Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Graduado em Teologia pela Faculdade de Teologia Integrada (FATIN) e pelo Instituto Aliança de Linguística, Teologia e Humanidades (IALTH). Graduado em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor convidado do departamento de exegese do Seminário Teológico Congregacional Robert Kalley e do departamento de Teologia Sistemática do Seminário Teológico Congregacional do Recife. Pastor da Igreja Evangélica Congregacional em Gravatá-PE. Email: contatos.emersonsilva@gmail.com.

[2] Graduado em Teologia pelo Seminário Teológico Congregacional do Nordeste (STCN). Graduando em Filosofia pelas Faculdades Integradas Norte do Paraná (UNOPAR). Professor convidado dos departamentos de exegese da Faculdade de Teologia Integrada e do Seminário Teológico Congregacional do Recife. Secretário de Educação Teológica da Associação de Igrejas Congregacionais do Recife (Associação Koinonia). Pastor da Igreja Congregacional de Moreno. Email: abimaeldequeiroz@gmail.com.

culturais do seu tempo somados a uma infinidade de técnicas que tem por objetivo a "extração" do conteúdo do texto.

O presente artigo visa em um primeiro momento apresentar as discussões exegéticas que surgiram após o movimento de Reforma Protestante. A ênfase quase que exclusiva em uma abordagem diacrônica do texto bíblico, potencializou uma série de pressupostos da cultura moderna que influenciou consideravelmente a interpretação do texto sagrado, criando o *Método Histórico-crítico* de interpretação bíblica.

Na sequência, a partir do documento "A interpretação da bíblia na igreja" e de um entendimento mais amplo do conceito de canonicidade, uma reflexão será proposta tendo por base algumas incongruências colocadas em circulação pelo referido método. Dada a limitação de páginas sugeridas, os argumentos serão de ordem introdutória e resumida, sendo alguns deles um pouco mais aprofundados nas notas de roda pé.

2 Bíblia Sagrada e exegese histórico-crítica

O advento da Reforma Protestante caracteriza-se de forma singular na história da interpretação das Sagradas Escrituras. Há um caráter único no trajeto dos reformadores que veio a lume com os movimentos religiosos surgidos na Europa Central a partir do século XVI, em um diálogo criativo com a cultura de então, que ampliou o seu contexto de interpretação: a livre análise do texto sagrado.

> Não quero jogar fora todos aqueles que são mais instruídos [do que eu sou], mas somente a Escritura deve reinar, e não a interpreto por meu próprio espírito ou pelo espírito de qualquer homem, **mas quero entendê-la por si mesma e mediante seu espírito**" (Lutero apud Barret, 2017, p. 136 – grifo nosso)

A afirmação luterana ensejou novas formas de se interpretar a bíblia, sobretudo no contexto cultural de então. O interesse renascentista pela cultura greco-romana, visando recuperar as compreensões "originais" da literatura clássica, fomentou nos novos intérpretes uma intensa busca pelo sentido do "texto original". Surge a partir daí um horizonte teológico mais comprometido com as "fontes" dos manuscritos bíblicos (e com todo o repertório de saberes necessário

para tal), assim como por uma teologia mais próxima das "fontes" do cristianismo (Pais da Igreja).

Este olhar histórico direcionado à Bíblia legou aos reformadores um avanço nas teorias exegéticas, sobretudo, na aproximação realizada com as disciplinas científicas. Martinho Lutero, em uma exortação sobre a importância de se criar e manter escolas cristãs, ressalta o valor dos saberes científicos contra o desprezo que muitos religiosos lhe conferiam:

> As ciências e as línguas, que não nos prejudicam, mas que, pelo contrário, nos servem de ornamento, proveito, honra e promoção (tanto para o entendimento da Sagrada Escritura como, também, para dirigir o governo secular), a estas queremos desprezar; os produtos estrangeiros, porém, que não nos são necessários nem úteis, e que, além disso, nos escorcham até os ossos, destes não queremos prescindir! Não é com razão que tais pessoas sejam chamadas de tolos e bestas? (Lutero, 1995, p. 310).

O movimento trouxe para a história da interpretação bíblica, de uma forma bem mais efetiva, a ideia de que o texto das Sagradas Escrituras deve ser lido como se lê qualquer obra literária: levando em consideração suas dimensões gramaticais e históricas, ainda que seja um texto sagrado e por isso, compreendido como objeto de devoção religiosa e como normativo em termos de fé e prática cristã. Tal abordagem fora responsável pela criação do *método histórico gramatical de interpretação bíblica*, uma abordagem que se vale de "princípios gerais e métodos linguísticos e históricos coerentes com o caráter divino-humano da Bíblia" (Anglada, 2006, p.101).

Na esteira destas reflexões, os métodos de interpretação vão cada vez mais se centralizando em torno destes novos olhares científicos que, seja de forma intencional ou não, acabam por resignificar o contexto religioso. Essas modificações têm por objetivo alcançar abordagens mais "científicas" e menos "religiosas" no trato da exegese bíblica, sendo tal intento considerado como um sinônimo de interpretação "verdadeira", em detrimento das interpretações "míticas" que visam endossar mitos e lendas encontrados no texto bíblico.

O estudo técnico de religiões comparadas[3] e o surgimento da exegese redacional[4] possibilitaram novas linhas de investigação sobre a formação dos cinco primeiros livros da Bíblica hebraica (Pentateuco) e dos assim chamados Evangelhos Sinóticos. O historicismo crítico resultante destas disciplinas condicionou as inúmeras tentativas de "fatiar" o texto, buscando suas formas mais primitivas que, para os estudiosos envolvidos nessa busca, não coincidiriam com os autores, períodos e significados convencionalmente adotados pela igreja cristã.

A *"hipótese documentária"*, também denominada de *Teoria das Fontes*, (Wellhausen, 1997) constituiu-se como o núcleo fundamental desta análise. Para o teólogo Wellhausen, os cinco primeiros livros da bíblia não possuíam um único autor, sendo resultado de quatro peças literárias, autores e contextos históricos distintos. A tese apontava quatro fontes para a formação do Pentateuco a partir dos "nomes de Deus", tendo estes nomes origens e períodos históricos diferentes.

A análise da redação mapeou o processo de construção dos Sinóticos, postulando possíveis intervenções redacionais dos autores dos Evangelhos em relação ao conteúdo recebido e acessado. Passagens que porventura estejam registradas nos textos de Mateus, Marcos e Lucas, foram alvo de análises que apontavam possíveis modificações e alterações destas passagens, visando objetivos próprios a cada autor.

Esse tipo de reconfiguração textual, frente à composição tradicionalmente recebida pela igreja, desenvolveu o chamado *Método Histórico-Crítico de interpretação bíblica*. A atenção direcionada às abordagens diacrônicas de investigação e fomentadas pela compreensão moderna de religião e mundo, prescindindo de juízos absolutos sobre a experiência humana fundamentados a partir de argumentos transcendentais (Wegner, 1998), provocou um distanciamento entre exegese e teologia. A fé bíblica passou a ser alvo de inúmeras ressalvas textuais que inviabilizaram a crença e a compreensão própria do que seja uma

[3] O estudo das religiões comparadas levanta uma série de hipóteses sobre a origem e desenvolvimento de crenças religiosas, a partir de uma perspectiva histórico-geográfica e filosófica. Comparações sistemáticas são realizadas com a finalidade de compreender o significado de determinados credos e práticas para cada religião em particular, assim como para o fenômeno religioso em seus aspectos mais amplos.

[4] A também chamada "crítica da redação", na ênfase dada a bíblia enquanto composição literária, visa buscar as intenções teológicas dos autores que estavam por trás da redação dos textos sagrados.

"linguagem religiosa" e dos seus elementos: milagres, curas, ressurreições, exorcismos.

Dada à inexistência dos textos autógrafos e da impossibilidade de se reconstruir de forma exata essa busca, o método histórico-crítico se fundamentará sempre em hipóteses formuladas, a partir de pressupostos científicos tomados que, desde início anulam sua compreensão teológica enquanto texto revelado. Abre-se com isso um grande abismo entre a exegese e a teologia, inviabilizando a possibilidade de uma "linguagem religiosa" a partir dele.

3 Exegese canônica: fundamentos teóricos e metodológicos

O teólogo e Pontífice Emérito Joseph Ratzinger (Bento XVI) avalia o presente movimento da seguinte forma: "[...] as várias teorias aumentaram, se multiplicaram, se separaram e se tornaram uma verdadeira cerca bloqueando o acesso à Bíblia para todos os não iniciados" (Ratzinger, 1996, p.112). Nas palavras do autor, a Bíblia enquanto testemunho de uma história de fé, linguagem religiosa e experiência humana de descentramento ao divino, passou a ser desconsiderada em nome da sua interpretação "correta", eivada de pressupostos forjados no mundo moderno.

Em conformidade com as observações do Pontífice, o documento "A interpretação da Bíblia na igreja", assim como um olhar mais atento as implicações do conceito de canonicidade, visa retomar alguns horizontes significativos no que diz respeito ao texto das Sagradas Escrituras, enquanto texto "revelado", e por conseguinte, fundacional para a experiência religiosa cristã.

O primeiro documento, herdeiro do Concílio Vaticano II, une-se aos esforços exegéticos da teologia protestante conservadora, no que diz respeito ao necessário contexto eclesiástico para a interpretação bíblica. Ao retomar as orientações apresentadas nas encíclicas *Providentissimus Deus*[5] e *Divino afflante Spiritu*[6], o texto *A intepretação da Bíblia na Igreja* visa apresentar os cuidados a serem

[5] "Providentissimus Deus" fora uma carta encíclica redigida pelo Papa Leão XIII que visava prover algumas orientações relacionadas ao estudo científico da exegese bíblica. O documento tinha por objetivo corrigir os erros dos exegetas "racionalistas" e oferecer algumas diretrizes para o ensino das Escrituras Sagradas nos seminários.

[6] "Divino afflante Spiritu" redigida pelo Papa Pio XII, fora uma carta encíclica considerada como um marco nos estudos modernos de exegese no catolicismo romano. Ela incentiva o uso da crítica textual nas discussões exegéticas e a utilização do método histórico-crítico a partir dos pressupostos teológicos encontrados na tradição cristã e na história eclesiástica.

tomados contra interpretações excessivamente racionalistas, ao mesmo tempo que marca uma posição aberta as mais avançadas técnicas e saberes relacionados ao campo da exegese.

O documento afirma uma verdade fundamental sobre o texto revelado que fora quase que totalmente esquecida pelos entusiastas do método histórico crítico. A visão moderna do mundo e da religião negligenciou a compreensão de que o texto a ser analisado é "Escritura Divina", o que, por conseguinte, exige em termos de fidelidade hermenêutica, uma leitura que se adeque a linguagem religiosa e o contexto eclesiástico que possui: "O exegeta católico não alimenta a ilusão individualista a qual leva a crer que, fora da comunidade dos crentes, pode-se compreender melhor os textos bíblicos. O contrário é que é verdade, porque estes textos não foram dados aos investigadores individualmente [...]" (Pontifícia Comissão Bíblica, 1994, p. 17).

Dito de outro modo, o texto bíblico não visa a satisfação da curiosidade acadêmica do intérprete, mas: "[...] eles foram confiados à comunidade dos crentes, à Igreja de Cristo, para alimentar a fé e guiar a vida de caridade. O respeito desta finalidade condiciona a validade da interpretação" (Pontifícia Comissão Bíblica, 1994, p. 17).

As Escrituras foram dadas ao povo de Deus como mediação de um relacionamento com Ele. Este é o contexto semântico, por excelência, sob o qual todo o trabalho exegético deve laborar. Essa compreensão incorporou no debate acadêmico, de uma forma bastante criativa, a pertinência do conceito de "canonicidade", resinificando os itinerários exegéticos postulados pelo método histórico crítico.

O artigo "The Definition of the Term "Canon": Exclusive or Multi-dimensional?" do teólogo americano Michael J. Kruguer traz uma pertinente discussão sobre o dinamismo conceitual residente na compreensão canônica que envolve os textos bíblicos. Tal dinamismo pode ser estabelecido a partir dos três aspectos presentes na funcionalidade do termo "cânon": intrínseco, exclusivo e inclusivo.

Por "intrínseco" ou "ontológico", o autor lembra o componente inspiracional próprio ao texto sagrado, que inclusive, independe do reconhecimento da comunidade de fé. Tal compreensão é bastante aceita no contexto protestante e

pode ser definida também como a autoafirmação bíblica sobre a sua inspiração divina: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça" - (Bíblia Sagrada, 2008, 2 Timóteo 3.16, p.1576).

Por "exclusivo", entende-se o processo histórico de formação canônica que perpassa: do Kerygma apostólico ao seu registro por escrito e, por fim, a fixação deste texto seja enquanto norma litúrgica ou doutrinária. Tal fato implica que o processo de canonização de um grupo de textos obedeceria a uma lógica histórica do desenvolvimento da religião cristã mediante a necessidade de aceitar os textos que seguisse coerentemente esse curso: anúncio apostólico – registro por escrito – texto normativo para vida da igreja, e rejeitasse os que não seguissem.

Por "inclusivo" seguindo na esteira de teólogos como Brevard S. Childs e James Sanders, está a compreensão aberta da lista de livros considerados como canônicos, em virtude mais do significado funcional que possa ser estabelecido a partir deles do que do valor inspirado que possa ser neles encontrados ou não.

O intercâmbio entre estas três definições pode ser percebido de forma lógica, pois cada um destes aspectos se combina, visando o estabelecimento do cânon. No entanto, é no contexto eclesiástico que ocorre o *"medium hermeneuticum"* dos textos bíblicos: "De fato, é a comunidade eclesial que reconheceu – e não criou – alguns livros enquanto inspirados ou não (dimensão intrínseca ou ontológica) e os definiu, quando reteve necessário, numa lista canónica (dimensão exclusiva)" (Silva, 2014, p. 114).

Percebe-se não só a interação destes três aspectos, separados para fins exclusivamente didáticos, mas também a hipótese de que não se pode prescindir da leitura teológica dos textos sagrados enquanto fonte de interpretação dos mesmos, dado o fato do relacionamento também intrínseco entre a comunidade de fé e a bíblia. Uma parece ser a condição da existência da outra, uma vez que fora sempre no contexto da igreja que a bíblia fora escrita, fixada e interpretada.

Em outras palavras: há um contexto canônico que indicia necessariamente uma leitura canônica, independente (porém relacionada) das situações históricas responsáveis pela formação e fixação dos livros canônicos, pois: "a partir do momento em que tais situações não mais existem, o cânon permanece atual não

mais pelo contexto que o produziu, mas pela comunidade de fé que o reconheceu e fixou no passado e o atualiza no presente" (Silva, 2014, p. 115).

Considerações finais

A tarefa de intepretação das Escrituras Sagradas foi e sempre será um dos corações da teologia cristã. Tal atividade possui o desafio que é próprio a toda construção teológica: permanecer aberta as revisões históricas necessárias conforme o passar do tempo, ao mesmo tempo em que deve permanece fiel ao que fora revelado, guardando sempre o "bom depósito" da fé. As discussões apresentadas em torno do documento "A interpretação da bíblia na igreja" e da amplitude conceitual do conceito de canonicidade sugerem perspectivas a serem levadas em consideração que contribuem para a leitura temporal da bíblia sagrada, aberta as exigências concretas de cada tempo e cultura em que está inserida, ao mesmo tempo em que permanece ancorada no conteúdo divino e atemporal da Revelação cristã. Revelação esta, recebida, vivenciada e proclamada pelo "Povo de Deus" à experiência humana.

Referências

ANGLADA, Paulo Roberto Batista. **Introdução à hermenêutica reformada**: correntes históricas, pressuposições, princípios e métodos linguísticos. Ananindeua: Knox Publicações, 2006.

BÍBLIA Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil, 2ª ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

LUTERO, Martinho. Aos Conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs (1524). In: LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas, v.5**; Tradução de Walter O. Schlupp, Ilson Kayser e Walter Altmann. São Leopoldo: Sinodal, 1995. p.302-325.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BIBLICA. **A interpretação da Bíblia na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1994.

RATZINGER, Joseph. Interpretação bíblica em crise: Sobre a questão dos fundamentos e a abordagem da exegese hoje. In: POTTERIE, I. D.L., (Org.). **Exegese Cristã Hoje**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SILVA, Luís Henrique Eloy. A Leitura Canónica do texto bíblico à luz de seu medium hermeneuticum e de seu escopo soteriológico. In: **Didaskalia** (Lisboa), v. 44, p. 105-121, 2014.

THOMPSON, Mark D. Sola Scriptura. In: BARRETT, Matthew. **Teologia da Reforma;** Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento**: Manual de Metodologia. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

WELLHAUSEN, Julius. **Prolegomena zur Geschichte Israels**. Berlim & Leipzig: Walter de Gruyter, 1927.